



TÍTULO DO TRABALHO	
A REVOLUÇÃO PASSIVA DO CAPITAL: CONTRASTE ENTRE OS MOVIMENTOS CONTESTATÓRIOS EZLN E MST	
AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO
Felipe Costa Lima	PUC Minas
RESUMO	
<p>Estratégias de acumulação são influenciadas por relações complexas entre diferentes frações do capital e do balanço de forças entre as classes subordinadas e dominantes, Em decorrência disso, “uma estratégia de acumulação é primordialmente relacionada às relações de produção, portanto, ao balanço de forças de classe; os projetos hegemônicos, em contrapartida, são tipicamente orientados [...]a toda esfera das relações entre Estado e Sociedade Civil” (MORTON, 2007, p. 153). Padrões de acumulação distintos, assim, refletem diferenças na integração capitalista (ROBINSON apud MORTON, 2007), visto que essa articulação entre o internacional e os variados âmbitos nacionais estabelecem desenvolvimentos desiguais nos territórios atualmente afetados pelas forças neoliberais. Portanto, a teoria de Revolução Passiva (GRAMSCI, 1982) aduz a existência de especificidades na internalização, em cada Estado nacional, das inúmeras mudanças ocorridas no contexto mundial, uma vez que demonstra a importância das classes sociais e das formas específicas de Estado na internalização da globalização (BIELER apud MORTON 2007). Em decorrência disso, o âmbito internacional modela o processo de formação dos Estados, entretanto a relevância das forças de classes nacionais não pode ser desprezada, na medida em que se deve analisar “[...]como o problema complexo aparece das relações das forças internas num país em questão, das relações de forças internacionais, e da posição geopolítica do país” (GRAMSCI apud MORTON 2007, p. 149, tradução nossa). A partir dessas mudanças na ordem mundial, o Estado mexicano viveu uma Revolução Passiva (GRAMSCI, 1982) de grandes proporções, uma vez que um modelo revolucionário historicamente desenvolvido ao longo de várias décadas (amplos direitos sociais e indústrias de substituição de importações) foi sendo modificado pela relação dialética Ordem Mundial-Estado-relações sociais. Isso culminou, em 1994, em um contramovimento contestatório (POLANYI, 2000) de classes subalternas de grandes proporções, liderado pelo movimento armado Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN), no território de Chiapas. De maneira análoga, essa relação dialética também afetou o território brasileiro, já que um modelo de acumulação (direitos sociais e indústria de substituição de importação) proveniente de uma Revolução Passiva na década de 1930 foi alterado radicalmente, principalmente a partir da década de 1990. O consequente modelo de acumulação capitalista decorrente dessas interações dialéticas deu força a outro movimento de contestação do campo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), o qual possui características distintas do EZLN, embora igualmente contestatórios. Conquanto esses processos possam parecer semelhantes, intensas diferenças podem ser impelidas a ambos, principalmente em decorrência da influência da supremacia (GILL apud MORTON, 2007) do capital nesses territórios e a consequente Revolução Passiva ocorrida. Além disso, a própria diferença nos métodos de luta podem ser atribuídas a essa relação dialética entre Ordem Mundial-Estado-Relações Sociais. Compreender as diferenças entre o ocorrido no Brasil e no México impulsionará o entendimento das disparidades entre EZLN e MST, o que se configura no principal objetivo deste artigo</p> <p>Palavras-chave: Revolução Passiva; contramovimento; dialética; EZLN; MST</p>	

A REVOLUÇÃO PASSIVA DO CAPITAL: CONTRASTE ENTRE OS MOVIMENTOS CONTESTATÓRIOS EZLN E MST

LIMA, Felipe Costa¹

Resumo:

Estratégias de acumulação são influenciadas por relações complexas entre diferentes frações do capital e do balanço de forças entre as classes subordinadas e dominantes, Em decorrência disso, “uma estratégia de acumulação é primordialmente relacionada às relações de produção, portanto, ao balanço de forças de classe; os projetos hegemônicos, em contrapartida, são tipicamente orientados[...]a toda esfera das relações entre Estado e Sociedade Civil” (MORTON, 2007, p. 153)². Padrões de acumulação distintos, assim, refletem diferenças na integração capitalista (ROBINSON apud MORTON, 2007), visto que essa articulação entre o internacional e os variados âmbitos nacionais estabelecem desenvolvimentos desiguais nos territórios atualmente afetados pelas forças neoliberais.

Portanto, a teoria de Revolução Passiva (GRAMSCI, 1982) aduz a existência de especificidades na internalização, em cada Estado nacional, das inúmeras mudanças ocorridas no contexto mundial, uma vez que demonstra a importância das classes sociais e das formas específicas de Estado na internalização da globalização (BIELER apud MORTON 2007). Em decorrência disso, o âmbito internacional modela o processo de formação dos Estados, entretanto a relevância das forças de classes nacionais não pode ser desprezada, na medida em que se deve analisar “[...]como o problema complexo aparece das relações das forças internas num país em questão, das relações de forças internacionais, e da posição geopolítica do país” (GRAMSCI apud MORTON 2007, p. 149, tradução nossa)

A partir dessas mudanças na ordem mundial, o Estado mexicano viveu uma Revolução Passiva (GRAMSCI, 1982) de grandes proporções, uma vez que um modelo revolucionário historicamente desenvolvido ao longo de várias décadas (amplos direitos sociais e indústrias de substituição de importações) foi sendo modificado pela relação dialética Ordem Mundial-Estado-relações sociais. Isso culminou, em 1994, em um contramovimento contestatório (POLANYI, 2000) de classes subalternas de grandes proporções, liderado pelo movimento armado Exército Zapatista de Liberação Nacional (EZLN), no território de Chiapas.

De maneira análoga, essa relação dialética também afetou o território brasileiro, já que um modelo de acumulação (direitos sociais e indústria de substituição de importação) proveniente de uma Revolução Passiva na década de 1930 foi alterado radicalmente, principalmente a partir da década de 1990. O conseqüente modelo de acumulação capitalista decorrente dessas interações dialéticas deu força a outro movimento de contestação do campo, o Movimento dos

¹ Graduado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Especialista em Política Internacional pela Faculdade Damásio de Jesus (2016) e Mestrando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: felipelimaufmg@gmail.com

² [...]An accumulation strategy is primarily oriented towards the relations of production and thus to the balance of class forces, whilst hegemonic projects are typically oriented towards [...] the whole sphere of state-civil society relations.

Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), o qual possui características distintas do EZLN, embora igualmente contestatários.

Conquanto esses processos possam parecer semelhantes, intensas diferenças podem ser impelidas a ambos, principalmente em decorrência da influência da supremacia (GILL apud MORTON, 2007) do capital nesses territórios e a consequente Revolução Passiva ocorrida. Além disso, a própria diferença nos métodos de luta podem ser atribuídas a essa relação dialética entre Ordem Mundial-Estado-Relações Sociais. Compreender as diferenças entre o ocorrido no Brasil e no México impulsionará o entendimento das disparidades entre EZLN e MST, o que se configura no principal objetivo deste artigo

Palavras-chave: Revolução Passiva; contramovimento; dialética; EZLN; MST

1 – Introdução

Ainda que o capital pareça uma força autônoma, ele historicamente tem servido aos interesses daqueles que o controlam, por meio de regimes históricos impositores de regras de comportamento. Na medida em que projeta universalidades de entendimentos, o capital parece possuir uma racionalidade econômica consumada, num processo de ilusão e idealização, apesar de sua origem histórica decorrente de processos de violenta apropriação/expropriação (PIJL, 2005).

O conceito monolítico de capital, contudo, não condiz com a realidade histórica, visto que existiram diversas tendências da burguesia que conseguiram transformar seus interesses singulares em interesse geral.

Frações da burguesia, configuradas ao redor de combinações específicas de capitais e frações de capital, buscam aproximar-se a um interesse geral (PIJL, 2005, p. 4, tradução nossa)³.

Desse modo, percebe-se que a burguesia constantemente cria coalizões, ou seja, a luta pela hegemonia nunca acaba. Neste momento histórico, existe clara prevalência da fração financeira do capital.

A crise hegemônica dos EUA na década de 1970 e 1980 foi profunda. Primeiramente, o aumento da competitividade mundial, proporcionada pelo processo de *catch-up* de alguns Estados do centro capitalista (Alemanha e Japão, por exemplo), estabeleceu uma crise

³ Fractions of the bourgeoisie, configured around specific combinations of capitals and fractions of capital, continuously seek to approximate a general interest.

lucrativa nas indústrias estadunidenses. Somado a isso, as dificuldades de contenção do comunismo e dos nacionalismos (Revolução Iraniana de 1979, Guerra do Vietnã), o aumento do preço do petróleo e a invasão da URSS ao Afeganistão impulsionaram uma crise de legitimidade na liderança dos EUA (SILVER e ARRIGHI, 2003). A partir disso, mudanças drásticas ocorreram nas políticas dos EUA, principalmente no âmbito econômico, por meio da contração monetária, do aumento dos juros, da diminuição dos impostos para os mais ricos, da liberdade quase irrestrita para empresas capitalistas, da desvalorização do dólar, o que culminou na intensificação da competição por capitais (SILVER e ARRIGHI, 2003).

Por meio dessas políticas, os EUA transformam-se num entreposto financeiro global, na medida em que se tornaram os maiores receptores de investimentos estrangeiros do mundo. Essa reversão do fluxo de capitais para os EUA foi catastrófica para Brasil e México, uma vez que esses capitais eram essenciais para o modelo de substituição de importação adotado por eles (SILVER e ARRIGHI, 2003). Percebe-se que o movimento pró-mercado teve origem fundamentalmente nacional (EUA), o qual se expandiu posteriormente para o contexto global, a fim de beneficiar esse país (SILVER e ARRIGHI, 2003). Em decorrência das conseqüentes crises nas dívidas externas e nos balanços de pagamentos dos países do Terceiro Mundo, os EUA buscaram um consenso em torno da adoção por outros governos de políticas que facilitassem o fluxo financeiro global, com apoio do FMI e do Banco Mundial, o que beneficiaria profundamente o capital norte-americano.

Forças de classes subordinadas, desde o início do processo do neoliberalismo no sul global, vêm constringindo seu avanço, uma vez que houve profunda precarização das condições de vida nesses países, porquanto a commodificação do trabalho, da terra e do dinheiro vivenciada atualmente é uma fonte poderosa do movimento contra as forças de livre-mercado (POLANYI, 2000). O foco deste artigo, a partir disso, será nos contramovimentos MST e EZLN, os quais buscam proteger o campesinato e toda sociedade dos efeitos nefastos da reificação do trabalho, da terra e do dinheiro (POLANYI, 2000).

Além disso, padrões de acumulação distintos refletem diferenças na integração capitalista (ROBINSON apud MORTON, 2007), uma vez que essa articulação entre o internacional e os variados âmbitos nacionais estabelecem desenvolvimentos desiguais nos territórios afetados pelo mercado autorregulável:

“A teoria da Revolução Passiva captura essas dinâmicas e, ao mesmo tempo, destaca a relevância contínua do desenvolvimento desigual como uma concepção de divisões sociais na ordem mundial” (MORTON, 2007, p. 139, tradução nossa)⁴.

Portanto, a teoria de Revolução Passiva aduz a existência de especificidades na internalização, em cada Estado nacional, das inúmeras mudanças ocorridas no contexto mundial, por intermédio da demonstração da importância das classes sociais e das formas específicas de Estado na internalização da globalização (BIELER apud MORTON 2007).

A partir desse conceito de Revolução Passiva, pode-se compreender a especificidades da internalização do mercado autorregulável no Brasil e no México, principalmente no que concerne ao âmbito agrário, uma vez que as singularidades desses países nesse contexto influenciam diretamente os movimentos contestatórios existentes em ambos Estados.

Em cada país o processo é diferente, ainda que o conteúdo seja o mesmo. E o conteúdo é a crise de hegemonia da classe dominante...(Assim) uma ‘crise de autoridade’ é falada: isso é precisamente a crise de hegemonia, ou crise geral do Estado (GRAMSCI apud MORTON, 2007, p. 169, tradução nossa)⁵.

Além disso, no que concerne ao contexto de terras, o conceito de Acumulação por Desapossamento ou Espoliação (HARVEY, 2004) torna-se essencial para compreender os novos processos ocorridos na América Latina, principalmente após a década de 1980. Esse processo é um fenômeno que modificou de maneira profunda as relações de propriedade em diversos territórios, por intermédio de privatizações e re-privatizações.

Esse processo pode ser visto como uma “exploração neocolonial da periferia do sistema mundial capitalista, que envolve o desapossamento do campesinato e a conversão deles em proletários sem terras, a privatização de serviços públicos e muitas outras atividades destrutivas” (HARVEY apud DZARASOV, 2014, p. 18, tradução nossa)⁶.

2 – O Exército de Libertação Zapatista

⁴ The theory of passive revolution captures such dynamics whilst also highlighting the continued relevance of uneven development as a framing of social divisions in world order

⁵ In every country the process is different, although the content is the same. And the content is the crisis of the ruling class’s hegemony. . . . [Hence] a ‘crisis of authority’ is spoken of: this is precisely the crisis of hegemony, or general crisis of the state.

⁶ This can be seen in the neocolonial exploitation of the periphery of the capitalist world-system, involving the displacement of peasants and their conversion into landless proletarians, the privatisation of public services and many other destructive activities

2.1 - O avanço da fração burguesa financeira e a quebra hegemônica do PRI

A crise de autoridade vivida atualmente no México é proveniente da estratégia de acumulação neoliberal da presidência de Carlos Salinas de Gortari (1988-1994), que reconfigurou o projeto hegemônico histórico perpetrado pelo Partido Institucional Revolucionário (MORTON, 2007).

O governo de Luis Echeverría (1970-1976) tentou recuperar a deteriorada legitimidade do PIR, por intermédio do aumento de gastos do governo com o contexto social e da implementação de algumas reformas, a fim “de proporcionar uma coalizão populista entre industrialistas nacionais, camponeses, periferia urbana, setores trabalhistas desilusionados, estudantes e a classe média (MORTON, 2007, p. 154, tradução nossa⁷)”. Entretanto, o governo não foi capaz de aumentar sua arrecadação tributária, principalmente por meio do aumento da taxaço aos fluxos de capital internacional, visto que a pressão da classe capitalista transnacional (PIJL, 2005) contra essa medida era intensa. Somado a isso, a própria retórica anti-setor privado do governo resultou na quebra da coalizão entre o capital nacional e o PRI.

[...]O PRI enfrentou problemas envolvendo uma erosão da legitimidade política desde o massacre de Tlatelolco em 1968⁸, uma classe média urbana não contente, desavenças com relação a estratégia de acumulação por substituição de importações, a emergência de novos movimento opositores externos ao partido oficial do sistema, a emergência adicional de movimentos guerrilheiros urbanos e a diminuta habilidade do PRI em competir com os vários partidos opositores registrados (MIDDLEBROOK apud MORTON, 2007, p.161, tradução nossa⁹)

A crise financeira de 1976 foi essencial para a implantação do projeto neoliberal, na medida em que a falta de competitividade dos produtos mexicanos, a fuga de capitais, a crise

⁷ to forge a populist coalition between national industrialists, peasants, urban marginals, disillusioned labour sectors, students, and the middle classes

⁸ O Massacre de Tlatelolco, também conhecido como a Noite de Tlatelolco (a partir do título de um livro da autora mexicana Elena Poniatowska), teve lugar durante a tarde e noite de 2 de Outubro de 1968 na Plaza de las Tres Culturas, em Tlatelolco, Cidade do México, apenas dez dias antes do início dos Jogos Olímpicos de 1968 disputados nesta mesma cidade [...]O massacre foi precedido por vários meses de instabilidade política na capital mexicana, eco das manifestações e revoltas estudantis ocorridas um pouco por todo o mundo em 1968. Os estudantes mexicanos pretendiam explorar a atenção do mundo, focada na Cidade do México por ocasião dos Jogos Olímpicos de 1968 (WIKIPEDIA, 2015)

⁹ [...] the PRI faced problems involving an erosion of political legitimacy following the Tlatelolco massacre in 1968, a discontented urban middle class, disaffection with the ISI accumulation strategy, the emergence of new opposition movements outside the officially recognised party system, the additional emergence of urban and rural guerrilla movements, and the declining ability of the PRI to compete with registered opposition parties.

orçamentária e as pressões do FMI forçaram uma desvalorização de aproximadamente 100% do peso mexicano nesse ano, o que quase dobrou a dívida externa do México:

A crise foi precipitada pela superabundância de petróleo, pela recessão da economia mundial, do aumento das taxas de juros nos EUA, mas suas raízes se encontram em causas domésticas: políticas monetárias e sociais excessivamente expansionistas, sobrevalorização persistente do peso, grande dependência do setor público em uma única fonte de ingressos (exportação de petróleo), um setor agrícola estagnado, uma planta industrial ineficiente e não competitiva globalmente, crescimento excessivo da força de trabalho, um modelo de desenvolvimento intensivo em capital que tornou impossível a criação de uma base de empregos adequada, corrupção endêmica no governo e resistência de interesses econômicos e políticos a reformas estruturais (CORNELIUS apud MORTON, 2007, p. 156, tradução nossa¹⁰)

A crise propiciou a ascensão de uma fração de classe tecnocrata conectada com os interesses do capital transnacional do *heartland* (PIJL, 2005), uma vez que ministros associados com planejamento bancário e financeiro começaram a ocupar altos escalões dos governos, o que impulsionou a estratégia de acumulação do neoliberalismo no México (MORTON, 2007). A partir disso, os interesses do capital transnacional fundiram-se com aqueles da tecnocracia estatal, dos grandes conglomerados voltados a exportações, da elite econômica mexicana (até mesmo aquelas vinculadas ao PRI) e do setor reformista da produção agrícola. A proeminência da elite financeira do capital no México só foi possível por meio de uma grande rede de propaganda e de promoção da ideologia neoliberal, a fim de influenciar a formação de uma nova superestrutura condizente com seus interesses. A fim de obter esse resultado, investimentos em intelectuais de outros países seriam de extrema importância, uma vez que eles poderiam expandir essa ideologia nos seus próprios Estados (GRAMSCI, 1982).

Os intelectuais estão conectados a classes particulares e atuam em diversos contextos – social, político e econômico – como verdadeiros organizadores de massas de homens e comissários da hegemonia, pois buscam o chamado consenso espontâneo, por intermédio da conquista ideológica das grandes massas e dos intelectuais tradicionais (GRAMSCI, 1982). A partir disso o governo mexicano passou a investir intensamente na concessão de bolsas de estudo para universidades estrangeiras, principalmente nos EUA. Além disso, a influência de ideias

¹⁰ The crisis was precipitated by the world oil glut, a world economic recession, and rising interest rates in the United States, but its root causes were domestic: excessively expansionary monetary and social policies, persistent overvaluation of the peso, over-dependence of the public sector on a single source of revenue (oil exports), a stagnant agriculture sector (at least that part which produced basic foodstuffs for domestic consumption), an inefficient and globally uncompetitive industrial plant, excessive labour force growth . . . , a capital-intensive development model that made it impossible to create an adequate employment base, endemic corruption in government, and resistance by entrenched economic and political interests to structural reforms. (Cornelius 1985: 87–8)

neoliberais no país provinha do próprio aumento do número de estudantes universitários nesse período no qual a ideologia neoliberal ganhava inúmeros adeptos (MORTON, 2007). Assim, formou-se uma grande rede de intelectuais neoliberais (PIJL, 2005) que passou a influenciar diretamente as políticas adotadas pelo governo e a diminuir resistências a esse projeto na própria sociedade.

Durante esse período de mudança estrutural ou de “reformulação do capitalismo” no México, frações de uma classe capitalista transnacional tornaram-se influentes em moldar a estratégia de industrialização voltada para as empresas *maquiladoras*¹¹ orientadas para a exportação, impulsionadas pelos investimentos e tecnologias estrangeiros, e pelo capital transnacional [...] A indústria *maquiladora* foi, portanto, promovida, estimulada e supervisionada pelas frações da classe capitalista transnacional no México, mas por meio de processos de relações entre Estado-trabalho-comércio cuidadosamente geridas na forma de Estado que posteriormente se desenvolveu numa estratégia de industrialização completamente voltada para exportações (SKLAIR apud MORTON, 2007, p. 158-59, tradução nossa¹²)

Percebe-se que a internalização do interesse das classes transnacionais no México possibilitou uma reorganização nas relações de produção e uma mudança intensa na forma de Estado no México, de um “comprometimento com relações corporativas Estado-trabalho para uma desarticulação [...] da aliança Estado-trabalho em favor dos interesses primordiais do capital (MORTON, 2007, p. 160, tradução nossa¹³)”.

Somado a essa transformação, estratégias de cooptação (GRAMSCI, 1982) foram essenciais, a fim de impactar e desagregar o bloco histórico consolidado pela hegemonia histórica do PRI. Por intermédio da Lei de Organizações Políticas e Processos Eleitorais (LOPEE), de 1977, aumentou-se a competição política e integraram-se as organizações políticas de esquerda no jogo político, para que elas renunciassem a métodos extralegais.

A partir disso, os intelectuais neoliberais alçados ao poder no México não apenas ajustaram o interesse de forças contra-hegemônicas, como também controlaram todo o processo de quebra hegemônica do PRI. Desse modo, removeram-se divergências e foram estabelecidas

¹¹ Uma empresa maquiladora é uma empresa que importa materiais sem o pagamento de taxas, sendo seu produto específico e que não será comercializado no país onde está sendo produzido. O termo originou-se no México, país onde o fenômeno de *empresas maquiladoras* está amplamente difundido (WIKIPEDIA, 2016)

¹² during this period of structural change or the ‘reformation of capitalism’ in Mexico, fractions of a transnational capitalist class became influential in shaping the *maquila* (in-bond) strategy of export-led industrialisation fuelled by foreign investment, technology, and transnational capital [...] The *maquila* industry was thus promoted, nurtured, and supervised by fractions of a transnational capitalist class in Mexico, but through processes of carefully managed state–labour–business relations within the form of state that later developed into a full-blown export-led strategy of industrialisation

¹³ [...] a commitment to state–labour corporatist relations to a disarticulation [...] of the state–labour alliance in favour of the overriding interests of capital.

convergências entre forças sociais em contenda, proporcionando verdadeiro Transformismo no Estado mexicano (GRAMSCI, 1984).

O PRI não conseguia mais representar os interesses gerais das classes sociais mexicanas, o que significou a quebra da sua superestrutura histórica, demonstrada pelo aumento dos métodos coercitivos de dominação perpetrados com a desintegração do poder consensual desse partido (GRAMSCI, 1984). Ele “tornou-se [...] um organismo de policiamento, e seu nome de “partido político” [tornou-se] simplesmente uma metáfora de um caráter mitológico” (GRAMSCI apud MORTON, 2007, p. 166, tradução nossa¹⁴).

Como resultado, o neoliberalismo representou uma “mudança hegemônica”, numa tentativa de dismantlar o nacionalismo da Revolução Mexicana conectado à Substituição de Importações e retirar seu simbolismo político de principal ponto da consciência nacional (POWEL apud MORTON, 2007, p. 163, tradução nossa¹⁵).

O Programa de Solidariedade Nacional (PRONASOL), instituído durante o governo Salinas, em 1988, teve como objetivo a manutenção da hegemonia do PRI no México, na medida em que era um programa que instituiu um programa social contra a pobreza, ao mesmo tempo em que desenvolvia projetos de trabalho públicos com envolvimento das comunidades (MORTON, 2007). Desse modo, o PRONASOL foi essencial para a Revolução Passiva do neoliberalismo (GRAMSCI, 1984), significando que “mudou a correlação de forças de classes no México [...] houve uma transformação da elite de árbitro dos conflitos de classes para dominante dos seus próprios interesses” (HODGES E GANDY apud MORTON, 2007, p. 165-66, tradução nossa¹⁶). A partir disso, o neoliberalismo não se configurou numa alternativa autônoma dos países periféricos, uma vez que foi reflexo do desenvolvimento internacional de uma ideologia aplicada em outras localidades, por meio de uma verdadeira Revolução Passiva (GRAMSCI, 1984), porquanto houve o rearranjo de conflitos e relações sociais numa nova hierarquia no Estado mexicano.

2.2 - A Acumulação por Desapossamento mexicana e contramovimento zapatista

¹⁴ [...] a policing organism, and its name of “political party” [became] simply a metaphor of a mythological character

¹⁵ As a result, neoliberalism came to represent a ‘hegemonic shift’ in the attempt to dismantle the nationalism of the Mexican Revolution linked to ISI and displace its political symbolism as a focal point of national consciousness

¹⁶ [...] changing the correlation of class forces in Mexico supervise the ‘counter-attack of capital’ through passive revolution [...] within which there was a transformation of the elite from arbiter of class conflict to ruling in its own interests

A disciplina do mercado tornou-se o regime econômico e político primordial sob o neoliberalismo nos anos 1980 e 1990, e aqui a tese de Polanyi sobre a grande transformação provou ser iluminadora [...] Sua análise a respeito do desastre social proporcionado pelo impacto do mercado autorregulável encontra total confirmação na adoção do neoliberalismo sob os regimes militares na América Latina, de 1973 em diante (MUNCK, 2015, p. 02-03, tradução nossa¹⁷).

O contramovimento ao mercado (POLANYI, 2000) é estabelecido para a proteção de interesses locais e nacionais, uma vez que “trabalho, terra e dinheiro não são commodities obviamente [...] Trabalho é apenas outro nome para a atividade humana que ocorre com a própria vida [...] terra é apenas outro nome para natureza, a qual não é produzida pelo homem; o dinheiro, por fim, é apenas um símbolo de poder de compra” (MUNCK, 2015, p. 08, tradução nossa¹⁸). A partir disso, grupos/frações/classes subalternos locais e nacionais vêm constringindo desde o começo o avanço neoliberal, mais intensamente ou menos intensamente, o que se relaciona profundamente com o nível de reformas existentes (ILVER e ARRIGHI, 2003).

Esse contramovimento torna-se possível a partir das intensas ameaças que o neoliberalismo propiciou às sociedades, como aumento do desemprego, deterioração das condições de trabalho, menores salários, miséria, alienação, aumento dos custos de vida e ameaças intensas à posse de terras camponesas. É exatamente em decorrência dessa ameaça profunda que não apenas interesses de classes são atingidos pelo mercado autorregulável, mas sim o de toda sociedade:

Ainda que Polanyi reconheça a importância essencial dos interesses de classe nas mudanças sociais, ele recusa uma lógica de classe estrita: “Não existe mágica no interesse de classe que possa assegurar aos membros de uma classe o suporte dos membros de outras classes” (2001, 160). Isso é particularmente o caso em tempos de crise social – “aquelas fases críticas da história, quando a civilização se rompeu ou está passando por uma transformação” (2001, 163) (MUNCK, 2015, p. 11, tradução nossa¹⁹).

¹⁷ Market discipline became the primary economic and political regime under neoliberalism in the 1980s and 1990s, and here Polanyi’s thesis of the great transformation has proven truly illuminating. [...] His analysis of the disastrous social impact of the unregulated market found full confirmation in the early adoption of neoliberalism under military regimes in Latin America from 1973 onward

¹⁸ labor, land, and money are obviously not commodities...Labor is only another name for a human activity which goes with life itself...land is only another name for nature, which is not produced by man; actually money, finally, is merely a token of purchasing power.

¹⁹ While Polanyi recognised the essential role played by class interests in social change, he refuses a narrow class logic: “There is no magic in class interest which would secure to members of one class the support of members of other classes” (2001, 160). This is particularly the case in times of social crisis – “those critical phases of history, when a civilisation has broken down or is passing through a transformation”(2001, 163)

A fim de compreender o aparecimento e fortalecimento do EZLN no México, o desenvolvimento desigual na acumulação de capital nesse país torna-se importante até os dias atuais, já que isso impactou nas condições regionais no Estado de Chiapas, no sul mexicano.

No período de 1994 a 2003, investimentos estrangeiros diretos em Chiapas atingiram não mais que 8,94 milhões de dólares, minúsculos em comparação aos 127 milhões de dólares que entraram no México no mesmo período (VILLAFUERTE SOLÍS apud MORTON, 2007, p. 177, tradução nossa²⁰).

Desse modo, percebe-se que o capital transnacional e o desenvolvimento desigual mexicano influenciam diretamente no contramovimento anti-hegemônico existente nesse país. A partir disso, novas dinâmicas de acumulação têm sido aplicadas em Chiapas, contestando frontalmente o desenvolvimento desigual e a Revolução Passiva neoliberal estabelecida pela aliança de uma fração da burguesia mexicana com o capital transnacional.

David Harvey (2006: 33–4, 102–4) afirma que a progressão do neoliberalismo nas condições de desenvolvimento desigual provem mais da diversificação, inovação e competição entre as diferentes escalas das frações nacionais e regionais do capital do que a estrita difusão do capitalismo global via Estado transnacional (HARVEY apud MORTON, p. 168, tradução nossa²¹).

Em Chiapas, nem mesmo com a reforma agrária implementada na presidência de Lázaro Cárdenas (1934-40) conseguiu-se impactar diretamente no poder da elite agrária desse Estado, na medida em que esse poder local resistiu intensamente às pretensões de reformas desse período de consolidação da Revolução Mexicana. Na década de 1940, entretanto, o PRI conseguiu conectar-se profundamente com as comunidades indígenas desse Estado, internalizando e tornando elas parte integral da máquina partidária local (MORTON, 2007).

Essa situação foi mantida por uma série de conexões entre as elites familiares de Chiapas e os caciques indígenas bilíngues [...] na região [...], o que os posicionou entre frações de classes do Partido Revolucionário Institucional (PRI) e elites locais. Como resultado, Chiapas tem sido descrita como uma colônia interna proporcionando para o resto do México petróleo, eletricidade, madeira, gado, milho, açúcar, café e feijão [...] Chiapas tem sido descrita, de maneira apta, como uma terra rica que possui gente pobre (MORTON, 2007, p. 178, tradução nossa²²).

²⁰ [...] throughout the period 1994–2003, foreign direct investment in Chiapas came to no more than US\$8.94 million, tiny in comparison to the US\$127,000 million that entered Mexico in the same period

²¹ David Harvey's (2006: 33–4, 102–4) claim that the progression of neoliberalism within conditions of uneven development has proceeded more from the diversification, innovation and competition between different scales of national and regional fractions of capital than the straight diffusion of 'global capitalism' via a transnational state

²² This situation was maintained by a series of ties connecting dominant family elites in Chiapas and bilingual indigenous *caciques* [...] in the region [...] who positioned themselves between class fractions of the Institutional Revolutionary Party (PRI) and local elites. As a result, Chiapas has been described as an internal

Durante os anos 50 e 60, leis de reforma agrária promoveram um grande influxo de imigrantes indígenas para a região de Chiapas, principalmente para a região de Selva Lacandona, seguido, posteriormente, por outra grande onda migratória de cuidadores de gado de Tabasco e Veracruz (NATIONS apud MORTON, 2007). Após isso, nos anos 70, áreas do Estado de Chiapas tornaram-se fronteiras de colonização no governo de Echeverría, já que [...] aproximadamente 57% da terra no sudeste do México veio a ser ocupada por *ejidos*²³, ou coletivos agrários (MORTON, 2007, p. 179, tradução nossa²⁴).

Porém, essas terras eram marginais e muito úmidas, deixando quase que intocadas as terras boas e irrigadas nas mãos da agricultura comercial privada, ou seja, a reforma agrária continuava a não afetar diretamente os interesses dos grandes agricultores. Percebe-se, portanto, a vulnerabilidade dessas populações migrantes em Chiapas, uma vez que passaram a necessitar de trabalho migratório para sobreviver e tinham posses de terras marginais pouco institucionalizadas (MORTON, 2007).

As novas descobertas petrolíferas no México e a primeira crise do petróleo fizeram com que os países da OPEC buscassem novas fontes de petróleo no mundo. A partir disso, o governo Mexicano passou a exportar intensamente essa commodity para financiar grandes projetos de desenvolvimento. Assim, houve uma profunda diminuição da importância da agricultura mexicana, pois ela “declinou de 14% do PIB em 1965 para apenas 7% do PIB em 1982” (COLLIER apud MORTON, 2007, p. 179, tradução nossa²⁵).

Somado a isso, grandes projetos hidrelétricos prejudicaram ainda mais a agricultura de Chiapas. Em síntese, o México, animado com o desenvolvimento via exportação de petróleo, tornou-se cada vez mais orientado para os mercados externos, prejudicando assim a agricultura familiar de subsistência, visto que 50% da produção de eletricidade e a maioria da

colony providing the rest of Mexico with oil, electricity, timber, cattle, corn, sugar, coffee, and beans [...]. Chiapas has been aptly described as a rich land consisting of poor people

²³ O *ejido* é uma propriedade rural de uso coletivo de grande importância na vida agrícola do México. O processo do *ejido* consiste em o governo tomar terras particulares e utilizá-las como terras comuns. O propósito de restabelecer o sistema de *ejidos* era devolver terras ao povo e produzir mais alimentos. A terra pertence ao estado e o banco nacional paga por todo o maquinário e todo o necessário para manter a terra (WIKIPEDIA, 2016).

²⁴ around 57 per cent of land in the south- east of Mexico came to be held in the tenure of *ejidos*, or agrarian collectives

²⁵ declined from 14% of GDP in 1965 to just 7% of GDP in 1982

produção petrolífera mexicana passaram a ser fornecida por Chiapas (MORTON, 2007). Assim, grande parte do campesinato transformou-se em proletariado, nas indústrias de transporte e energia, ou até mesmo tornaram-se trabalhadores não qualificados do setor de construção (MORTON, 2007).

Essas mudanças nas relações sociais de produção resultaram em distinções entre a produção do campesinato de subsistência e aqueles envolvidos em trabalho assalariado. Em particular, as relações produtivas tornaram-se mais baseadas em diferenças de classes [...] Essa mudança nas relações sociais de produção em Chiapas significou um afastamento das políticas de formas de organização baseadas em hierarquias comunitárias, para as políticas organização baseadas nas diferenças de classes [...] comunidades particulares experimentaram novas estruturas de exploração e identificaram novos pontos de interesses antagonistas centrados ao redor de problemas de lutas de classes (MORTON, 2007, p.180, tradução nossa²⁶)

A atratividade do trabalho assalariado sobre o campesinato de Chiapas colocou essa população na divisão social do trabalho capitalista. À medida que o campesinato se tornava excluído dos processos de acumulação capitalista pelas rápidas mudanças nas relações de produção, eles buscaram novas formas de organização política, o que começou a ocorrer fora da estrutura institucional do PRI. Crescia, assim, a consciência de classe e a radicalização do campesinato mexicano.

A fim de compreender essa consciência de classe do movimento EZLN, a figura do bispo Samuel Ruiz García é indispensável. Esse intelectual orgânico (GRAMSCI, 1982) cultivou intensas relações com intelectuais europeus, para promover a consciência de classe e tornar as massas mais ativas no que concerne às mudanças que ocorriam em Chiapas. Embora nesse primeiro momento uma relação pedagógica vertical tenha sido utilizada, posteriormente relações dialéticas entre o crescimento da consciência das pessoas em Chiapas e os próprios catequistas intensificaram o movimento, proporcionando relações mais recíprocas e participativas. Somado a isso, o convite de Ruiz para que grupos maoistas organizassem comunidades em Chiapas, nos anos 1970, consolidaram a organização campesina fora do PRI, que proporcionaria a ascensão do EZLN (MORTON, 2007).

Em decorrência da crise de legitimidade experimentada pelo PRI, a dominação passou a ser a principal política desse partido a fim de manter a hegemonia no território mexicano. Deste

²⁶ These changes in the social relations of production resulted in distinctions being drawn between subsistence-producing peasants and those involved in wage labour. In particular, productive relations became more class-based [...] This change in the social relations of production in Chiapas signified a move away from the politics [...] of organisation, based on community hierarchies, to the politics of class-based forms of organisation

modo, invasão de terras, repressão, prisões massivas e assassinatos de líderes agrários intensificaram-se na década de 1970.

O discurso do *salinismo* (Carlos Salinas de Gortari: 1988-94) envolvia a reestruturação do Estado por meio do neoliberalismo, ainda que reconstituísse políticas populistas e clientelistas, a fim de possibilitar um novo projeto e consenso hegemônico. A rebelião da EZLN em 1º de janeiro de 1994 foi uma resposta tanto à estratégia global capitalista neoliberal, quanto ao novo discurso do *salinismo*, que atingiu o cume, a partir principalmente de 1992, com a reforma das propriedades coletivas *ejido* (conquista histórica da Revolução Mexicana, presente no art. 27 da Constituição Mexicana) e, depois, com a implementação do NAFTA, em 1994:

Isso levou ao aumento da capitalização da terra - envolvendo mudanças nas relações de propriedade e deslocando esse âmbito proveniente de laços sociais baseados em classificações sociais e compromissos comunitários de hierarquias civil-religiosas para aquelas derivadas de trabalho assalariado – o que impactaria nas formas de resistência, como o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) (MORTON, 2007, p. 159, tradução nossa²⁷).

A partir disso, o subcomandante Marcos, do EZLN, disse no período da revolta de 1994:

A rebelião não é apenas por causa de Chiapas [...] é por causa do NAFTA e todo projeto neoliberal de Salinas (ROSS apud MORTON, 2007, p. 184, tradução nossa²⁸).

3 – O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)

Quando Polanyi distingue entre commodities reais e fictícias, ele está indo além do princípio moral pelo qual as pessoas e a natureza não deveriam ser tratadas como se pudessem ser compradas ou vendidas. O projeto de criação de uma economia totalmente autorregulável requer essa ficção, mas se ela é implementada completamente, então a sociedade e o meio-ambiente serão ambos destruídos (MUNCK, 2015, p. 08, tradução nossa²⁹).

Não há como compreender a ascensão do MST como “o maior e mais importante movimento social do mundo³⁰” sem entender primeiramente as lutas históricas pela terra no Brasil. As ocupações de terras realizadas pelo MST são reações de resistência com relação à intensificação das repressões estatais e da commoditização da terra e do trabalhador, em

²⁷ This led to the increased capitalisation of land – involving changing property relations and shifts from rank-based social ties and communal commitments of civil-religious hierarchies to cash derived from wage labour – that would impact on forms of resistance such as the Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN)

²⁸ the rebellion, ‘isn’t just about Chiapas [...] it’s about NAFTA and Salinas’s whole neoliberal project’

²⁹ When Polanyi distinguishes between real and fictitious commodities he is going beyond the moral principle that people or nature should not be treated as though they could be bought and sold. The project of creating a fully self-regulating market economy required this fiction, but if fully implemented then society and the environment would both be destroyed.

³⁰ Declaração feita por Noam Chomsky no Fórum Social Mundial de 2003

decorrência do avanço do capitalismo e das relações de mercado no Brasil (FERNANDES, 2000).

3.1 – Lutas Históricas pela terra e a organização do campesinato brasileiro

No final do século XIX, enquanto os trabalhadores buscavam terras para cultivar, os fazendeiros e os ex-senhores de escravos grilavam a terra. A partir disso surge a figura do posseiro, o qual, apesar de possuir a Terra, não tinha o domínio dela, na medida em que a posse era predominantemente realizada pelas armas e pelo poder econômico (poder prevalecia sobre a posse) (FERNANDES, 2000).

Assim, “formaram os latifundiários, grilando imensas porções do território brasileiro” (FERNANDES, 2000, p. 27). Essa “indústria de grilagem” realizava a falsificação de documentos e subornava grande parte dos funcionários públicos. Por intermédio desse processo, as terras antes devolutas passavam para a propriedade dos particulares, num processo de verdadeiro “tráfico de terras” (FERNANDES, 2000). O fim do século XIX determinou um grande avanço das relações capitalistas e do livre-comércio no território brasileiro, por meio do avanço na exportação de commodities, principalmente café e borracha; esse avanço, entretanto, contrastava com a absoluta pobreza da população como um todo, jpa que apenas os interesses oligárquicos interessavam ao Estado.

Além disso, a Constituição de 1891 aduzia que os tributos de exportações seriam destinados aos governos estaduais, o que intensificava ainda mais o poder dessas elites. Num complexo liberal sociedade civil-Estado (GRAMSCI, 1982), como no Ocidente, uma classe dominante proprietária ocupa grande grau de importância política e econômica, mas delega a liderança do Estado para uma classe governante profissional e a economia para uma classe administrativa (PIJL, 2016). Em contrapartida, em *contender states* (PIJL, 2005) como o Brasil desse período, o poder estatal e o poder econômico estavam concentrados nas mãos de uma única classe, a *state class* (PIJL, 2005), a qual controla os âmbitos políticos e econômicos do país, a fim de satisfazer seus interesses individuais, mesmo que isso significasse a derrocada social nacional.

O Brasil se enquadrava na divisão internacional do trabalho, exportando matérias-primas e importando produtos industrializados dos países avançados, na lógica da hegemonia britânica

desse período. O mercado autorregulável, que teve origem na Inglaterra, espalhou-se por todo o globo, por intermédio da dominação efetivada pela supremacia britânica nos contextos militar, comercial e financeiro; e pela força ideológica da teoria de David Ricardo (SILVER e ARRIGHI, 2003). Em decorrência disso, a commoditização da terra, do trabalho e do dinheiro se intensificou no Brasil (POLANYI, 2000), primordialmente com a grande entrada de capital britânico. Os grupos indígenas e as terras antes ocupadas pelos posseiros foram sendo griladas; essas populações, portanto, migraram para outras áreas, tentando fugir de um verdadeiro cerco do capital (FERNANDES, 2000).

A terra no Brasil começava a ser cercada pelos emergentes coronéis, latifundiários e grileiros (FERNANDES, 2000, p. 28)

Trabalhadores, ex-escravos e imigrantes começaram a formar o campesinato brasileiro, que era desenraizado e obrigado constantemente migrar dentro do território brasileiro. Essas classes subalternas não estavam mobilizadas nesse período, assim não puderam resistir intensamente ao avanço do mercado autorregulável. No que concerne ao Estado, ainda que ele tivesse a soberania formal para lutar contra esse movimento liberal, os interesses das elites pelo livre-comércio prejudicavam essa defesa (SILVER e ARRIGHI, 2003).

A Era Vargas (1930-1945) proporcionou um aprofundamento da consciência de classe do proletário urbano brasileiro, na medida em que Getúlio implementou a mudança de foco do modelo de desenvolvimento brasileiro agrário-exportador para o da Substituição de Importações. A partir disso, a intensificação da industrialização e da concentração de trabalhadores aumentou a consciência de classe e o compartilhamento de identidades, apesar do intenso controle sindical pelo Estado nesse período. Formava-se assim, a base do contramovimento defendida por Marx (SILVA, 2012).

O início da República Liberal (1945-1964) proporcionou maior liberdade ao movimento camponês, em decorrência da própria democratização do país.

[...] as lutas dos arrendatários, dos colonos, juntamente com as lutas dos trabalhadores assalariados, os encontros e os congressos camponeses, indicavam o desenvolvimento do processo de organização política (FERNANDES, 2000, p. 32).

Interessados nesse processo de formação, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a Igreja Católica passaram a disputar esse espaço político. Somado a isso, a Formação das Ligas Camponesas em dezenas de estados, por volta de 1945, demonstrou a intensificação da força do movimento do campesinato brasileiro, visto que dezenas de milhares de camponeses

começaram a fazer parte dessas ligas (FERNANDES, 2000). Entretanto, elas eram dependentes do PCB e, com a declaração da ilegalidade dele, essas ligas passaram a ser violentamente reprimidas por forças privadas e pelo próprio Estado.

Na década de 1950, inúmeras sociedades agrícolas organizadas pelas Ligas Camponesas começaram a aparecer, primordialmente no Nordeste, embora a repressão continuasse intensa a esse movimento. Já em 1962, “estavam organizadas em 13 estados, realizaram vários encontros e congressos, promovendo a criação de uma consciência nacional em favor da reforma agrária” (FERNANDES, 2000, p. 33). As Ligas, além de resistir a expulsões, passaram a realizar ocupações, o que ia contra a ideia de reforma agrária do PCB e da Igreja Católica, os quais defendiam que essa reforma fosse feita por etapas.

As Ligas Camponesas passaram a requerer uma reforma agrária radical, na lei ou na marra, o que ganhou espaço político durante o governo de João Goulart. Somada às ligas, o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER) começou a utilizar as táticas de ocupação também. Setores progressistas da Igreja Católica, liderados pela Confederação dos Bispos do Brasil fundaram o Movimento de Educação de Base, com a participação de Paulo Freire, alfabetizando e formando politicamente os camponeses.

Ainda que buscassem a resistência camponesa, a insistência da Igreja Católica e do PCB em sindicalizar os camponeses acabou prejudicando as Ligas Camponesas e o contramovimento hegemônico do campesinato como um todo, uma vez que isso provocava a absorção e cooptação desses elementos ativos opositoristas, removendo divergências e estabelecendo convergência entre essas forças sociais em contendas (GRAMSCI, 1982).

3.2 - O Golpe de 1964 e a intensificação das lutas

Com o golpe de 1964, as Ligas Camponesas foram aniquiladas (FERNANDES, 2000) e os camponeses foram impedidos de ocupar qualquer espaço político no novo regime. O projeto político ditatorial levou à maior concentração de renda, à miséria, à intensificação da concentração fundiária e a um grande êxodo rural. O projeto de acumulação capitalista liderado pelo Estado intensificou a exclusão do campesinato no desenvolvimento brasileiro, uma vez que esse grupo era considerado subversivo às

pretensões políticas e econômicas do Estado.

Em decorrência disso, o Estado, até a década de 1970, buscou cooptar os elementos do campesinato, a partir de um projeto de colonização baseado em pequenas e médias propriedades, ajustando assim o interesse dessas forças em contenda, a fim de desmobilizá-las. Entretanto, a partir de 1975, esse projeto mudou, uma vez que a agricultura mecanizada controlada por grandes empresas e por grandes latifundiários se tornaram primordiais nas políticas de colonização promovidas pelo regime militar no centro-oeste e na Amazônia.

Na colonização do Estado do Mato Grosso, a mudança de postura do Governo Federal tornou-se visível. Até o início da década de 1970, a prioridade era a colonização com ênfase social, que optava por camponeses mais pobres, visando a implantação de pequenas propriedades rurais. A partir de 1975, o governo adotou uma colonização fundamentada no espírito comercial, marcada pela venda de grandes extensões de terra a empresas colonizadoras. Com a marcante interferência das esferas política e econômica, passou a predominar na região a empresa agropecuária voltada ao mercado exportador (BECKER, 1997). O governo considera impraticável a colonização baseada em pequenos e médios proprietários frente à escala dos investimentos e de organização empresarial considerada necessária à ocupação rápida de uma área extensa como a Amazônia. [...] Todo esse processo provocou grandes impactos na ocupação e no desenvolvimento econômico, não só do Estado de Mato Grosso, mas de toda a região Centro-Oeste e da Amazônia. A política de isenção fiscal e a dedução do imposto de renda adotada nessa época, contribuíram para aumentar, cada vez mais, a concentração de terras no Brasil.

Esse modelo concentracionista aumentava os conflitos de terras e a questão agrária aprofundou-se ainda mais no Brasil. Entre 1960 e 1970, os conflitos de terra triplicaram no Brasil, com a intensa militarização do conflito pelo Estado, com um assassinato de trabalhadores rurais a cada dois dias (FERNANDES, 2000). A miséria dos camponeses e a falta de participação política desses impulsionaram “a organização de espaços de socialização e de construção de conhecimento, para transformação da realidade” (FERNANDES, 2000, p. 43).

A fim de promover essa organização, as Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs), surgidas ainda no início dos anos 1960, foram essenciais para a manutenção e aprofundamento da luta do campesinato. Baseada nos ensinamentos da Teoria da Libertação, essas comunidades tornaram-se base de organização popular e de resistência. Em 1975, a Comissão Pastoral da Terra foi fundada, a qual trabalhava juntamente com as paróquias das periferias e nas comunidades rurais, articulando o movimento camponês insurgente (FERNANDES, 2000).

Ao invés de promover o fim do campesinato, o modelo de desenvolvimento econômico excludente do regime militar e a repressão política proporcionaram o aumento da importância desse contramovimento:

No início da década de 80, as experiências com ocupações de terra nos estados do Sul, em São Paulo e no Mato Grosso do Sul reuniram os trabalhadores que iniciaram o processo de formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A construção do Movimento se constituiu na interação com outras instituições, especialmente a Igreja Católica, por meio da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Aprendendo com a história da formação camponesa, na sua caminhada o MST construiu o seu espaço político, garantindo a sua autonomia, uma das diferenças com os outros movimentos camponeses que o precederam. O MST levará na memória a história camponesa que está construindo. Esse conhecimento explica que é político o fato de os camponeses não terem entrado na terra até os dias de hoje. E a forma estratégica de como o capital se apropriou e se apropriou do território. Portanto, as lutas pela terra e pela reforma agrária são, antes de mais nada, a luta contra o capital (FERNANDES, 2000, p. 47).

4 - Conclusão

A vida econômica não pode ser reduzida às trocas baseadas no mercado, e não apenas “outro mundo é possível” como dizemos hoje, mas esses mundos alternativos já existiram na história da humanidade (MUNCK, 2015, p. 2, tradução nossa³¹)

Importante aduzir que esses dois contramovimentos à penetração do mercado autorregulável, no Brasil e no México, possuem importantes diferenças, em decorrência das singularidades históricas de suas Revoluções Passivas no que concerne ao contexto agrário. Primeiramente, no que concerne ao México, a reforma agrária ocorreu por meio de um processo revolucionário, o qual foi cristalizado no governo de Lázaro Cárdenas, entre 1934 e 1940, o qual proporcionou uma Revolução Passiva nesse país:

Revolução Passiva refere-se a processos pelos quais aspectos das relações sociais do desenvolvimento capitalista são instituídas e/ou expandidas, resultando ao mesmo tempo numa ruptura “revolucionária” e uma “restauração” das relações sociais através de diferentes escalas e aspectos espaciais do Estado (Gramsci 1971:106–114; Burgos 2002; Morton 2011:18). Uma Revolução Passiva, assim, representa uma condição pela qual processos de revolução são de uma só vez parcialmente aplicados e deslocados (Callinicos 2010:491). Como Jessop (1990:213) nota, “o elemento crucial numa revolução passiva é a estatização da reorganização ou reestruturação, para que iniciativas populares provenientes de baixo são contidas e destruídas e a relações dominante-dominado é mantida e reimposta (MORTON, 2014, p. 150, tradução nossa³²).

³¹ [...] economic life cannot be reduced to market-based exchange, and not only is “another world possible” as we say today, but these alternative worlds have already existed throughout human history

³² Passive revolution refers to processes in which aspects of the social relations of capitalist development are either instituted and/or expanded, resulting in both “revolutionary” rupture and a “restoration” of social relations across different scales and spatial aspects of the state (Gramsci 1971:106–114; Burgos 2002; Morton 2011:18). A passive revolution therefore represents a condition in which processes of revolution are at once partially fulfilled and displaced (Callinicos 2010:491). As Jessop (1990:213) notes, “the crucial element in

Entretanto, essa reforma observou um efetivo desenvolvimento desigual (GRAMSCI, 1984). Enquanto nesse período, principalmente no norte do país, houve reformas intensas no que concerne à repartição fundiária, no território de Chiapas, em contraposição, uma contrarreforma agrária teve início, na medida em que se desencadeou uma verdadeira luta pelo controle da terra. Nesse território, o domínio social histórico de elites locais sobre o campesinato não proporcionou a mesma assimilação e consciência de classes existentes em outras partes do país no período da Revolução Mexicana.

A partir disso, não houve uma intensa demanda agrária do campesinato dessa região e as elites locais, as quais tinham grande influência no poder estatal, conseguiram limitar de maneira considerável o acesso a terras dos grupos solicitantes, durante os primeiros anos do processo de Reforma Agrária. Nos anos seguintes, essa concentração de terras, a burocratização do trâmite agrário e a falta de terras suscetíveis à reforma agrária possibilitam a explosão de fortes movimentos campesinos nessa região e a quebra da estrutura e da superestrutura histórica dessa região, por meio da consciência classista do campesinato e da penetração do mercado.

Somado a isso, o desenvolvimento desigual e o avanço do neoliberalismo aprofundaram o papel de Chiapas como uma “colônia” dentro do território mexicano e intensificaram a concentração de terras na região com o processo de Acumulação por Desapossamento. A acumulação primitiva de capital continua a existir no México, com a substituição de propriedades construídas politicamente pela força econômica, a partir de conflitos de classes específicos e de um processo de desenvolvimento desigual e combinado: “muito dependeu, desse modo, em como o Estado foi constituído e por quem, e o que o Estado era e é capaz ou preparado para fazer em apoio do/ou em oposição ao processo de acumulação de capital (HARVEY apud MORTON, 2007, p. 152, tradução nossa)³³. O México vivenciou uma penetração do neoliberalismo extremamente intensa, principalmente por meio do NAFTA, o que propiciou o ápice para um contramovimento armado extremamente contundente.

passive revolution is the statisation of reorganisation or restructuring, so that popular initiatives from below are contained or destroyed and the relationship of ruler-ruled is maintained or reimposed”.

³³ Much has therefore depended on how the state has been constituted and by whom, and what the state was and is able or prepared to do in support of or in opposition to processes of capital accumulation

Portanto, um movimento pró-mercado, de dimensões globais, enfrenta atualmente no território mexicano um contramovimento local, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, o qual resiste à intensa commodificação da terra e dos homens (POLANYI, 2000) no território de Chiapas, repercutindo e influenciando outros movimentos de contra-hegemonia.

Diferentemente do caso mexicano, os conflitos agrários brasileiros não foram solucionados com uma reforma agrária ampla e irrestrita nacionalmente. A partir disso, eles tornaram-se uma questão nacional, na medida em que nesse âmbito não houve um desenvolvimento desigual intenso, ainda que o sul do Brasil possua historicamente uma menor concentração de terras. O processo de acumulação primitiva do capital no Brasil foi profundamente concentrado, uma vez que o campesinato viveu um verdadeiro cerco às suas demandas pela posse de terras, em decorrência da histórica grilagem de terras pelos latifundiários.

A mobilização do campesinato crescia por alguns motivos. Primeiramente, os camponeses continuavam a ser deslocados constantemente para outras terras, visto que a concentração de terras por intermédio das armas se tornou uma atividade privada e até mesmo estatal. Segundo, a intensificação da consciência de classe, por meio da expansão de intelectuais orgânicos, principalmente provenientes da Igreja Católica, do PCB e das Ligas Camponesas, aprofundou a conscientização dos camponeses na luta contra o mercado e o Estado. Por último, O regime militar conseguiu restringir ainda mais o problema da concentração de terras, provocando efeitos ainda mais nefastos para os camponeses.

Percebe-se, assim, que a constrição do campesinato brasileiro perpassou o liberalismo hegemônico britânico, o capitalismo fordista periférico e o neoliberalismo, tendo sido até mais intensa no segundo momento. A partir disso, pode-se afirmar que a luta contra o campesinato teve uma ampla influência do Estado brasileiro, e não apenas do mercado autorregulável. O MST foi criado anteriormente à intensa expansão do neoliberalismo pelo globo, portanto, a influência do mercado autorregulável neoliberal no conflito brasileiro não foi tão intensa quanto no México; o liberalismo hegemônico britânico, em contrapartida, influenciou mais intensamente o problema agrário brasileiro, uma vez que não houve uma mobilização das massas para se defender dos efeitos nefastos desse sistema, como havia ocorrido no México.

Por último, não houve uma acumulação por desapossamento no campo não foi tão intensa no

Brasil, uma vez que o número de assentados aumentou após a implantação do modelo neoliberal dos anos 1990, o que demonstra que, em algum sentido, o contramovimento está sendo efetivo. Embora as privatizações tenham influenciado na proletarização da força de trabalho e diminuído subsídios à agricultura familiar brasileira, a Revolução Passiva brasileira foi menos traumática do que a mexicana, já que houve maior resistência do Brasil aos paradigmas do Consenso de Washington. Diferentemente disso, o México, principalmente por meio do NAFTA, transformou completamente seu modelo de desenvolvimento.

A partir de todos os argumentos, o contramovimento do campesinato mexicano teve como causas principais o desenvolvimento desigual e a Revolução Passiva do capital financeiro neoliberal, principalmente com a acumulação por desapossamento dos anos 1980 e 1990. Com isso, esse contramovimento local repercute atualmente no nível global.

Enquanto isso, no Brasil, o contramovimento baseou-se na constrição histórica pelo Estado e pelos latifundiários das terras (inexistência de reforma agrária), pelas consequências do liberalismo hegemônico britânico, e pelo receio com relação à potencial influência política do campesinato no aparato estatal, principalmente no regime militar. O neoliberalismo, portanto, não foi primordial para a ascensão do MST, movimento herdeiro de todas as lutas camponesas anteriores e nascido antes da expansão do neoliberalismo global. Esse contramovimento local nacionalizou suas lutas, repercutindo atualmente no âmbito global.

Conquanto sejam diferentes, esses movimentos reagem e resistem por um mesmo motivo, que é evitar a subordinação das relações sociais à lógica do mercado.

5 - Referências bibliográficas

DZARASOV, Ruslan. **The Conundrum of Russian Capitalism: The Post-Soviet Economy in the World System**. Pluto Press. Londres. 2014

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação do MST no Brasil**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2000

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira. 1984

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira. 1982

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004

MORTON, Adam David. **Spaces of Uneven Development and Class Struggle in Bolivia: Transformation or Transformismo?**. Antipode. Vol. 46. 2013

MORTON, Adam David. **Unravelling Gramsci: Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy**. Pluto Press. Londres, 2007

MUNCK, Ronaldo. **Karl Polanyi for Latin America: markets, society and development**. Canadian Journal of Development. Routledge. 2015

PIJL, Kees Van Der. **Transnational Classes and International Relations**. London and New York, 2005

PIJL, Kees Van Der. **Ukraine between East and West**. Centrum voor Geopolitiek. University of Sussex. Utrecht. 2016

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus. 2a. Edição. 2000.

SCHALLENBERGER, Erneldo e SCHNEIDER, Iara Elisa. **Fronteiras agrícolas e desenvolvimento territorial – ações de governo e dinâmica do capital**. Sociológicas, Porto Alegre. 2010

SILVA, Eduardo. **Exchange Rising? Karl Polanyi and Contentious Politics in Contemporary Latin America**. University of Miami. 2012

SILVER, Beverly J. and ARRIGHI, Giovanni. **Polanyi's "Double Movement": The Belle Époques of British and US Hegemonu Compared**. POLITICS & SOCIETY. Vol. 31. No. 2 Sage. 2003